

O SER CRIANÇA E O APRENDER NA CONTEMPORANEIDADE
BEING CHILDREN AND LEARNING IN THE CONTEMPORARY WORLD

Fabício Agostinho Bagatini¹, Mariângela Costa Schneider²

RESUMO: Cada vez mais, no espaço escolar há a presença das TICs, das redes sociais, e da Internet. Mesmo que a escola não as utilize, é afetada pelas tecnologias que as crianças trazem para a sala de aula. Nessa perspectiva, este estudo bibliográfico, procura compreender a relação existente entre o ser criança/discente e a escola dentro de um contexto contemporâneo. E, para que a escola possa acompanhar estas mudanças sociais, culturais, e passe a inserir no dia-a-dia escolar algumas tecnologias, o professor deve estar preparado. Nessa perspectiva, não podemos desconsiderar o Protagonismo Infantil neste processo de transformação social, econômica, tecnológica, cultural, sendo que as crianças estão acompanhando tudo isto e apropriando-se do manejo destes instrumentos novos que surgem, o que influencia o seu processo de aprendizagem e que se torna um grande desafio aos professores. Portanto, oportunizar que as crianças protagonizem os espaços escolares, trazendo seus conhecimentos para a sala de aula favorece que o professor também aprenda, além de ensinar.

PALAVRAS-CHAVE: Protagonismo Infantil. Contemporaneidade. Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's).

ABSTRACT: Increasingly, in the school, there are ICT's. Even they do not use them schools are affected by technology that children bring to classroom. In such perception the current bibliographical study aims to understand the relationship between being a child/learner and the school in the contemporary world. In order to attend those social and cultural changes, school starts to daily introduce some technology then teachers must be prepared. Therefore we cannot ignore children protagonism in the process of social, economic, technological, and cultural transformation since they are following everything and appropriating the management of such new instruments that approach them interfering in the learning process what turns to be a great challenge for teachers. So allowing children to get engaged in the school environment taking along their technological knowledge to classroom and encouraging improvement and usage of ICTs contribute and incite teachers for learning besides teaching.

KEY-WORDS: Child Protagonism. Contemporary Times. Information and Communication Technologies (ICT's).

¹ Mestrando em Ensino/Centro Universitário UNIVATES

² Mestranda em Ensino/Centro Universitário UNIVATES – Bolsista PROSUP/CAPES



Palavras iniciais.

A página imita o território, com o seu proprietário, o autor, as suas fronteiras ou os seus limites – as margens. As linhas assemelham-se aos sulcos, e o escriba semeia aí (com o calamo ou a cunha que copia a enxada ou o arado) signos cuneiformes que esperarão a colheita da leitura. [...] A página transforma-se; o texto subsiste. [...] O espelho do *pagus*, a página ainda pesada do barro mesopotâmico, sempre aderente à terra do neolítico, essa página muito antiga se apaga lentamente sob a enchente informacional. Soltos, os seus signos vão ao encontro da onda digital (LÉVY, 2000, p. 213).

Ao escrevermos este texto apagamos, escrevemos novamente, apagamos e reescrevemos outra vez e tantas quantas forem necessárias sem deixar marcas no papel. Mesmo porque, não escrevemos no papel. Não dialogamos com as linhas, com as marcas profundas presentes neste. Não sentimos a textura macia ou áspera da folha. Nem estamos utilizando as ferramentas tradicionais da escrita a punho: lápis, caneta ou borracha. As tábulas de argila sumeriana são outras. As cunhas que moldam os códigos linguísticos não são mais as mesmas. O écran que se abre diante de nós permite-nos contemplar outras paisagens. Ele é branco, simplesmente branco. O branco a propiciar múltiplas imagens que nos levam a um processo de investigação e decodificação. Aos poucos, não sabemos como e nem de onde, as letras vão surgindo. As palavras vão se formando. O texto vai se construindo. O diálogo vai se modificando, um barulho incessante

de teclas digitalizando o pensar. Letras, frases, textos, sons, imagens vão compondo um hipertexto. Os hipertextos dos ciberespaços.

Diante do exposto, constatamos que vivemos um novo tempo. Um tempo em que, por mais que tentamos fugir, não conseguimos, pois ele já nos abocanhou, seduziu, nos enredou. Qual ampulheta somos lançados de um lado ao outro. O velho e o novo a se entrelaçar. A aprisionar e libertar. A potencializar, comparar, desafiar e amedrontar. Uma convergência e divergência temporal simultânea. O tempo a influenciar nosso ser. Ontologicamente somos seres históricos e construtores da história. Eduardo Galeano na sua obra “Bocas do Tempo”, poetiza que: “de tempo somos. Somos seus pés e suas bocas. Os pés do tempo caminham em nossos pés. Cedo ou tarde, já sabemos, os ventos do tempo apagarão as pegadas. Travessia do nada, passos de ninguém? As bocas do tempo contam a viagem” (2004, p. 7).

Vivemos tempos vertiginosos, pulsantes, hiperativos. Um tempo que lateja constantemente para e por mudanças. Vivemos o tempo das metamorfoses, dos devires diários do ser e das coisas. Vivemos a ânsia diária do porvir. Sempre a espera do novo. Na imediatez dos ciclos temporais vivemos o amanhã. O futuro como mola propulsora do esquecimento. Esquecemos o hoje que sempre se faz presente. O ontem que se tornou poeira do passado. Vivemos na eminência da intensidade.

Na era do imediato e na ânsia diária do viver, evoluímos. Mesmo parecendo que estamos sempre no mesmo ponto. Segundo Alda, “a evolução é inerente ao ser humano. À medida que a sociedade se desenvolve, esta também se transforma e porquanto, se adapta” (2012. Texto



digitalizado). Não há como negar que paradigmas são quebrados e remodelados instantaneamente. Vivemos o tempo da velocidade onde tais transformações fazem-se presentes em todos os setores da sociedade onde a informação, conforme Lévy é de “natureza torrencial ou oceânica” (1994, p. 86). Contudo, há que se enfatizar que nem todo ser ou instituição consegue acompanhar ou aceitar tais mudanças. Neste aspecto, é mister destacar o avanço tecnológico e, principalmente, a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na propagação da informação e do conhecimento. São tempos de rupturas e confrontos, essencialmente no que se refere à prática de ensino e de aprendizagem e a relação ser docente e ser discente. Dentro de tais perspectivas Barbosa e Carvalho (2009) enfatizam que:

Atualmente, a tecnologia e a mídia estão configurando diferentes formas de os indivíduos lidarem com o tempo e o espaço, tornando efêmero e volátil o que se quer, o que se faz e o que se pensa. Tal efemeridade é representativa da fluidez com que esses elementos estão sendo (re) organizados em uma sociedade que está vivendo em “condição pós-moderna”, tornando obsoleto o jeito moderno e linear de planejar o futuro. Nesse sentido, é possível perceber que a provisoriedade abala as certezas da sociedade, das relações pessoais, dos modos de ser e de habitar a contemporaneidade, pois vivenciamos diariamente uma gama de situações que rompem com a forma estável de disposição do

tempo e do espaço (p. 93).

Dentro de todo este contexto, com uma ampla gama de informações ao acesso das pessoas, conforme Rinaldi (2012) há uma crescente diferenciação entre sujeitos de acordo com suas experiências. Assim, não há espaço para generalizações, pois, conforme a autora, nenhum ato de troca é algo simples, seja baseado em comunicação ou não. Neste novo tempo e nesta nova sociedade, encontram-se as crianças, filhos da geração Y¹. E, nesta diversidade tecnológica, há também a diversidade de infâncias. Pois, enquanto alguns têm já em seu material escolar um *tablet*, um celular, um *iphone*, dentre outros recursos, outras possuem somente a tecnologia da televisão e da geladeira, ou nem isso. Segundo Dornelles (2005): “Existem infâncias mais pobres e mais ricas, infâncias do Terceiro Mundo e dos países mais ricos, infâncias da tecnologia e a dos buracos e esgotos, infâncias superprotegidas, abandonadas, socorridas, atendidas, desamadas, amadas, armadas, etc” (p. 71).

Não podemos desconsiderar que as infâncias múltiplas existentes “são inventadas como produtos sociais e históricos. Muitas das crianças que vivem suas infâncias hoje fazem parte de um mundo em que explodem informações” (*Ibidem*, p. 72). E todas estas mudanças econômicas, sociais, eletrônicas, familiares, associadas ao acesso das crianças às informações a que estão expostas, vem mostrando novos modos de ser infantil. (*Ibidem*)

Dentre os modos de ser infantil, Dornelles (2005) fala sobre a infância ninja e a

¹ Segundo Tapscott (2010) a geração Y é aquela nascida entre janeiro de 1977 e dezembro de 1997. É também denominada de Geração Milênio, Digital ou Internet.

cyber-infância. A ninja é aquela que está à margem, exposta a tudo, tanto a perigos, tecnologias, dentre outros. São aquelas que vivem fora das suas casas, à mercê de perigos e expostas ao mundo. Já a *cyber-infância*, para esta autora, é aquela que é afetada pelas tecnologias, é uma infância globalizada que vive em contato com informações oriundas de computadores, celulares, internet, televisão... e que, muitas vezes dorme num quarto/*lan house*.

Porém, mesmo que muitas crianças não tenham acesso a todas as formas de tecnologia, de alguma maneira são atingidas por elas. Lévy deixa claro que, embora o mundo esteja extremamente desenvolvido em termos tecnológicos e que, na atualidade, a tecnologia seja a ferramenta da inteligência, em momento algum podemos dizer que as demais ferramentas – fala e escrita - desapareceram ou deixarão de ser utilizadas, até mesmo por que: “os polos da oralidade primária, da escrita e da informação não são eras: não correspondem de forma simples a épocas determinadas. A cada instante e a cada lugar os três polos estão sempre presentes, mas com intensidade”.

As crianças, de uma maneira ou de outra, chegam à escola. À velha escola. Onde, com ou sem recursos, precisa estar desafiando-se para possibilitar acesso à tecnologia a todos os discentes. Nesta relação ser docente – ser discente, no que se trata de cibercultura, as crianças parecem estar levando vantagem, pois nasceram em meio a toda essa tecnologia. Diferente da maior parte dos professores que estão sempre se adaptando e aprendendo estes novos códigos, os educandos estão “em rede” cada vez mais cedo. Muitos deles têm perfis nos sites sociais de Internet, celular e conversam com seus colegas

de aula, como com qualquer outra pessoa, através dessas ferramentas de comunicação. O fato é que a tecnologia está transformando as formas de se relacionar, e neste sentido, o conhecimento, pode ser acessado a partir de uma só tela.

Para Silva:

[...] o saber não está mais centralizado e a crise revela a fragilidade do tempo-espaço da escola. Ela não representa mais o monopólio da ‘transmissão’ do conhecimento e da informação. Enfrentar essas questões é estar disposto a perceber um novo tempo que não corre retilineamente, mas um tempo em expansão no presente (2008, p. 18).

Como ser docente constatamos diariamente essa fragilidade do tempo – espaço da escola de que fala o autor. Mais do que isso, e não querendo generalizar, percebemos que o ser discente não vê mais na instituição escola o polo do saber/conhecimento/informação pois tudo isso pode ser encontrado através do ciberespaço e das redes sociais.

Este texto, através de um estudo bibliográfico, procura compreender a relação existente entre o ser criança/discente e a escola dentro de um contexto contemporâneo. Além disso, como o ser docente e o ser discente se comunicam e se relacionam em meio às gerações que os separam. Bem como as influências das novas tecnologias em termos de aprendizagem.

O ser criança na sociedade contemporânea.

Globalmente falando, entramos em contato com o mundo sem sairmos do lugar. Serres (*apud*, PARENTE, 2004, p. 98) através da teoria da pantopia, afirma que essa é uma sensação de estarmos em “todos os lugares em um só lugar e cada lugar em todos os lugares” (*Ibidem*). Por outro lado, Virilio teoriza que essa onipresença do ser não passa de uma espécie de “Inércia polar” (*Ibidem*, p. 97), ou seja, ao mesmo tempo em que temos a sensação de estarmos em todos os lugares não estamos em lugar algum, pois não saímos do lugar². Nessa perspectiva, devemos levar em conta que, as diferentes tecnologias, mais especificamente a Internet e as redes sociais, vem transformando o modo dos indivíduos se comunicarem, relacionarem, construírem e propagarem o conhecimento. Esses meios tecnológicos nos capacitam a obter informações com maior facilidade. Para Lévy (1993, p. 7) “novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática”.

A partir disso, verificamos que a sociedade está mudando seu modo de considerar a aprendizagem, “passando da simples obtenção da informação à comunicação, à interpretação e à negociação” (VEEN, 2009). Ainda, segundo Veen (*Ibidem*), devemos compreender que as crianças que crescem em um mundo de tecnologia e de mudanças constantes demonstram maior relutância

²Nesse sentido, Parente questiona: “devemos nos perguntar se, de fato, a sociedade não estaria engendrando uma espécie de prisão ainda mais aperfeiçoada do que todas as outras, por intermédio do veículo multimídia do ciberespaço, o computador conectado em rede, capaz de, pela telepresença, produzir uma incrível ubiquidade que nos permite ir a todos os lugares sem sair do lugar” (2004, p. 97).

em encaixar-se no sistema educacional³ do que qualquer outra geração antecedente. Enfatiza que é notório que essas crianças em geral compreendam melhor a tecnologia do que as pessoas que as educam, pois, “em vez de tentar controlar, entender ou dominar a tecnologia, elas simplesmente a usam.” (Contracapa⁴). Tapscott (2010) corrobora com essa questão ao enfatizar que essa facilidade em lidar com o tecnológico é em virtude de essas crianças nascerem e crescerem rodeadas pelas novas tecnologias.

Neste mesmo sentido Meister (2010), ao analisar a obra de Veen, informa que a chamada geração Y, nascida depois dos anos 80, não faz da tecnologia apenas uma extensão do corpo, mas sim o seu próprio corpo,

não somente de forma metafórica, mas de forma real, física, pela aderência de equipamentos tecnológicos que lhe dão mobilidade e desprendimento. A convergência das mídias e conteúdos, com lógicas e linguagens próprias, gera formas de comunicação particulares com as capacidades perceptivas, tecnologias de informação e comunicação não limitadas aos seus suportes (p. 61).

Ao analisarmos o sujeito “*Homo zappiens*” (VEEN, 2009) constataremos que esse novo ser possui um saber inato em termos de

³ “Os jovens da Geração Internet cresceram em um ambiente digital e estão vivendo no século XXI, mas o sistema educacional em muitos lugares está pelo menos cem anos atrasado. O modelo de educação que ainda prevalece hoje foi projetado para a Era Industrial. É centrado no professor, que dá uma aula padronizada, unidirecional. O aluno, trabalhando sozinho, deve absorver o conteúdo ministrado pelo professor. Isso pode ter sido bom para a economia de produção em massa, mas não funciona mais para os desafios da economia digital, ou para a mente da Geração Internet” (TAPSCOTT, 2010, p. 149-150).

⁴ Tal passagem apresenta-se somente na contracapa no livro (VEEN, 2009). Maiores informações ver referências.

informática diferente dos demais que possuem um saber apriorístico e que necessitam ser incluídos no mundo digital. Segundo Veen:

a nova geração, que aprendeu a lidar com novas tecnologias, está ingressando em nosso sistema educacional. Essa geração, que chamamos geração *Homo zappiens*, cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância: e recentemente, o telefone celular, o iPod e o aparelho de mp3. Esses recursos permitiram às crianças de hoje ter controle sobre o fluxo de informações, lidar com informações descontinuadas e com a sobrecarga de informações, mesclar comunidades virtuais e reais, comunicarem-se e colaborar em rede, de acordo com suas necessidades (2009, p. 12).

Contudo, há que se salientar que, embora as novas gerações estejam muito mais familiarizadas com as tecnologias e serem frutos deste tempo virtual há que se levar em conta também que:

o mundo da criança é muito heterogêneo, ela está em contacto com várias realidades diferentes, das quais vai aprendendo valores e estratégias e contribui para a formação de sua identidade pessoal e social. Para isso contribuem a sua família, as relações escolares, as relações de pares, as relações comunitárias e as atividades sociais que desempenham, seja na escola ou na participação de tarefas familiares. Esta aprendizagem é eminentemente interactiva [...] as crianças aprendem com as outras crianças [...] estabelecem-se dessa forma, as culturas de pares (SARMENTO, 2003, p. 14).

Neste sentido a criança está inserida na sociedade como um ator social “portador da novidade que é inerente à sua pertença à geração que dá continuidade e faz renascer o mundo” (*Ibidem*). Portanto, ao utilizarem essas novas tecnologias a criança está em constante processo de aprendizagem, pois ela insere-se dentro de uma “sociedade aprendente” (ASSAMANN, 1998). O saber e o conhecimento não estão centralizados ou hierarquizados, pelo contrário, fazem-se presentes em cada indivíduo que entra em contato com eles em busca do novo. Dessa forma o conhecimento vai se construindo/desconstruindo/reconstruindo.

Devemos reconhecer que o conhecimento não é algo pronto, algo acabado. Mas sim, vai se formando ao longo dos encontros e desencontros, por acertos e erros, no fazer pedagógico das escolas, nos espaços não convencionais em termos de aprendizagem, na família, no grupo de amigos ou vicinal, na rua ou em qualquer lugar que haja troca entre o eu e o outro.

Assim, nesta perspectiva, ao mesmo tempo em que há uma reformulação nos conceitos de ensino e de aprendizagem há que existir uma reformulação na postura entre ser docente e ser discente no que diz respeito à prática da docência. E, ao mesmo tempo, a escola deve passar por uma mudança em termos de postura. Pois, ao contrário do que alguns pensam, existe lugar para a escola na sociedade tecnológica e da informação, porque ela tem um papel que nenhuma outra instância cumpre. Mas, como afirmamos anteriormente, essa escola precisa ser repensada. Conforme Libânio:

o que deve ser a escola em face dessas novas realidades? A escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora



de informação e transformar-se num lugar de análises críticas e produção da informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significado à informação. Nessa escola, os alunos aprendem a buscar a informação (nas aulas, no livro didático, na TV, no rádio, no jornal, nos vídeos, no computador etc.), e os elementos cognitivos para analisá-la criticamente e darem a ela um significado pessoal. Para isso, cabe-lhe prover a formação cultural básica, assentada no desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas. Trata-se, assim, de capacitar os alunos a selecionar informações mas, principalmente, a internalizar instrumentos cognitivos (saber pensar de modo reflexivo) para aceder ao conhecimento. A escola fará, assim, uma síntese entre a cultura formal (dos conhecimentos sistematizados) e a cultura experienciada. Por isso, é necessário que proporcione não só o domínio de linguagens para busca de informação, mas também para a criação da informação. Ou seja, a escola precisa articular sua capacidade de receber e interpretar informação como a de produzi-la, a partir do aluno como sujeito do seu próprio conhecimento (2002, p. 26-7).

Outra questão a se enfatizar, segundo Libânio, é que em momento algum o professor vai deixar de ser importante no processo de ensino e de aprendizagem.

Nessa escola haverá lugar para o professor? Sem dúvida. Não só o professor tem o seu lugar, como sua presença torna-se indispensável para a criação das condições cognitivas e afetivas que ajudarão o aluno a atribuir significados às mensagens e informações recebidas das

mídias, das multimídias e formas variadas de intervenção educativa urbana a valor da aprendizagem escolar está justamente na sua capacidade de introduzir os alunos nos significados da cultura e da ciência por meio de mediações cognitivas e interacionais providas pelo professor. Essa escola, concebida como espaço de síntese, estaria buscando atingir aqueles objetivos mencionados anteriormente para uma educação básica de qualidade: formação geral e preparação para o uso da tecnologia, desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas, formação para o exercício da cidadania crítica, formação ética (*Ibidem*, p. 27-28).

Com a utilização das novas tecnologias no processo educacional, a criança apropria-se de suas temporalidades subjetivas, produz o seu tempo e alimenta-se de tempos interiores.

Estes indivíduos compõem temporalidades pessoais que a criação de uma subjetividade coletiva, e tem a possibilidade de reter o tempo coletivo nas subjetividades individuais. Assim, objetos e sujeitos estão implicados uns nos outros. E, os conhecimentos não são mais separados das práticas que os fazem existirem, e que os modificam dos contextos concretos, que lhes conferem sentido (BRETHERRICK, 2010, p. 190).

A utilização das novas tecnologias nos espaços de aprendizagem propicia um novo aprender sempre dentro da perspectiva de que “nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender” (DELEUZE, *apud*, GALLO, 2008, p. 66). E, para que se possa compreender como alguém vai aprender, é importante, como sugere Mallaguzzi

(1999) “decidir e preservar a decisão de aprender com as crianças, com suas famílias” (p. 62). Percebendo e reconhecendo as mesmas como protagonistas ativas de sua própria aprendizagem, uma vez que, segundo Rinaldi (2002), a criança é alguém que experimenta o mundo, que, desde o momento do nascimento se sente parte do mundo, cheia de curiosidade, de desejo de viver e com grande capacidade de se comunicar. Ela é competente, ativa e crítica. Neste sentido, é importante que o professor se torne mais um elo nesta comunicação da criança com as mídias e com o mundo, potencializando os conhecimentos dos educandos.

Kinney e Wharton corroboram com esta ideia, dizendo:

Devemos reconhecer que as crianças são participantes ativos da sua própria aprendizagem. Isso significa colocá-las no centro do processo, garantindo que estejam totalmente envolvidas no planejamento e na revisão da sua aprendizagem juntamente com os educadores e que possam se envolver em conversas importantes com os adultos e com outras crianças, de modo a estender suas ideias e pontos de vista (2009, p. 23).

Pois ela é capaz de criar mapas para sua orientação pessoal, social, cognitiva, afetiva ou simbólica, podendo utilizar-se de estratégias de aprendizagem e formas de organizar seus relacionamentos (RINALDI, 2002). Pensamentos que estão em rede, conectados com o mundo virtual, que pode ser um potencializador das aprendizagens das crianças, mas para que isto ocorra, é necessário um professor, um mediador, alguém que esteja ao lado da mesma ampliando as formas de utilizar as redes sociais, a internet e o

celular a favor das pessoas, e alertando para os possíveis riscos encontrados nas telas que se abrem como janelas.

Acredita-se, neste sentido, que a criança possui cem linguagens, cem modos de se relacionar e se comunicar (MALAGUZZI, 1999), e os adultos precisam ser os mediadores destes processos, possibilitando que protagonismo infantil seja potencializado na cibercultura.

À guisa de uma conclusão.

Diante do que expomos, há que se destacar a necessidade da formação e da preparação dos professores para que estes possam utilizar as diferentes TICs em sala de aula. Para que não vejam nelas uma ameaça, um inimigo a ser combatido. Da mesma forma que sejam desenvolvidas estratégias de ensino a partir do ciberespaço, das redes sociais de Internet, da tecnologia, pois, essa é uma das maneiras de aproximar o mundo do ser discente com o da escola.

Assim, podem-se construir novos espaços de conhecimento. Um conhecimento nômade, sempre em busca de novos espaços de proliferação. Um conhecimento que, no coletivo, vai construindo-se constantemente. A Internet e suas redes assumindo o papel de cérebro “coletivo, vivo, que dá estalidos quando o estamos a utilizar. Um cérebro que nunca para de trabalhar, de pensar, de produzir informações, de analisar e combinar” (KERCKHOVE, *apud*, LEIVAS, 2008, p. 77). Neste sentido, Brito e Purificação enfatizam que:



Pensar, refletir, analisar, discutir é o grande desafio que se apresenta aos educadores do século XXI no que diz respeito às possibilidades e resultados da utilização das novas tecnologias da informação e da comunicação no processo educacional, pois a educação do futuro é aquela que deve proporcionar a formação de cérebros para a cooperação, para a relação harmoniosa entre os seres que habitam nosso planeta e, ainda, segundo Market, é aquela que prepara para a vida, para tomar decisões, para integrar conhecimento. Trata-se de uma educação que prepara o indivíduo para agir, não apenas reagir; planejar e não apenas executar. E diríamos ainda: criar e desenvolver a intuição e a sensibilidade (2008, p. 111).

Mas, devemos ter ciência que, para se trabalhar com a Internet e suas redes sociais em sala de aula, é necessário planejamento e não improvisado. É necessário ter metas e objetivos bem traçados e, principalmente, acreditarmos que estes vão se concretizarem. É preciso ver nessa ferramenta uma prática de aprendizagem. Saber tirar proveitos delas e não querer afugentá-las. E, principalmente, conhecer a tecnologia com a qual lidamos e seus impactos na vida do ser. Porque “desconhecer a trama que a tecnologia, o saber tecnológico e as produções tecnológicas teceram e tecem na vida cotidiana dos alunos pode nos fazer retroceder a um ensino que, paradoxalmente, não seria tradicional, e sim ficcional” (*Ibidem*).

Benvindos aos novos tempos. Benvindos à nova morada do gênero humano (LÉVY, *apud*, ANJOS, 2006, p. 4). Saibamos contemplar os novos écrans que se apresentam diante de nós. Saibamos ver no branco novas imagens, novas perspectivas para aprendê-lo. Conforme enfatiza Lévy, cabe a cada um dos que

se utilizam do digital, do hipertexto não fazer da tela “um leito de Procusto, mas sim uma ponte de comando e de observação das metamorfoses do hipertexto. Ao ritmo regular da página se sucede o movimento perpétuo de dobramento e desdobramento de um texto caleidoscópico” (1993, p. 41). Que a busca pelo saber e pelo conhecer seja infinita, pois: “não há fim para as coisas que podem ser conhecidas e sabidas. O mundo dos saberes é um mundo de somas sem fim. É um caminho sem descanso para a alma.” (Alves, 1998, p. 11).

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Concerto para corpo e alma**. Campinas, SP: Papyrus, Speculum, 1998.

ANJOS, Ideyson da Silva Vieira dos. **Introdução ao pensamento de inteligência coletiva de Pierre Lévy**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Filosofia) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2006. Disponível em:

http://download14.docslide.com.br/uploads/check_u p14/332015/557212ff497959fc0b916273.pdf.

ALDA, Lucia Silveira. Novas tecnologias, novos alunos, novos professores? refletindo sobre o papel do professor na contemporaneidade. In: XII Seminário Internacional em Letras: **Língua e literatura na (pós-)modernidade**: 19 a 22 de junho de 2012 (Texto digitalizado). Disponível em: <http://www.unifra.br/eventos/inletras2012/Trabalhos /4668.pdf>.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.

BARBOSA, Mirtes Lia Pereira; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Práticas escolares em espaços-tempos contemporâneos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.) **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

BREITHERICK, Giselda G. S. Desterritorialização do conhecimento e descentralização do saber na obra de Pierre Lévy. In: **Revista Múltiplas Leituras**, v. 3, n. 1, p. 184-196, jan./jun. 2010.

BRITO, Glaucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonéliada. **Educação e novas tecnologias**: um re-pensar. Curitiba: Ibpex, 2008.

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam**: da criança da rua à criança cyber. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GALEANO, Eduardo. **Bocas do tempo**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

DIGITAL NATIVES, DIGITAL IMMIGRANTS – From On the Horizon – MCB University Press. Disponível em:
<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>.

KINNEY, Linda. WHARTON, Pat. **Tornando visível a aprendizagem das crianças**: educação infantil em Reggio Emília. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LEIVAS, Marta. “No olho do furacão”: as novas tecnologias e a educação hoje. In: SILVA, Mozart Linhares da (Org). **Novas tecnologias**: educação e sociedade na era da informação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. **A inteligência colectiva**: para uma antropologia do ciberespaço. Portugal: Instituto Piaget, 1994.

_____. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MENEZES, Francisco; SILVA, Juremir Machado da. (Org.) **Para navegar no século XXI**: tecnologias do imaginário e cibercultura. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2002.

MALAGUZZI, Loris. Histórias, idéias e filosofia básica. IN: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999. 320 p.

MEISTER, Izabel Patrícia. Resenha da obra “homo Zappien: educando na era digital” de Wim Veen e Bem Vrakking. In: **Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 3, p. 61-65, jan./jun. 2010.

PARENTE, André. Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. In: PARENTE, André (Org.). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da



comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 91-110.

RINALDI Carlina. O currículo emergente e o construtivismo social. IN: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira Infância.** Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999. 320 p.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emília: escutar, investigar e aprender.** São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SANTOS, Miguel Carlos Damasco dos. **Os alunos nativos digitais e o ensino superior analógico: mais afastamentos do que aproximações.** (Texto digitalizado)

SARMENTO, Manuel J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. IN: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (Org.). **Crianças e miúdos: perspectivas sócio pedagógicas da infância e educação.** Porto: Asa, 2003. Disponível em:

<http://cedic.iec.uminho.pt/textos_de_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf>. Acesso em: mar 2014.

SILVA, Mozart Linhares da. A urgência do tempo: novas tecnologias e educação contemporânea. In: SILVA, Mozart Linhares da (Org.). **Novas tecnologias: educação e sociedade na era da informação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos.** Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

VEEN, Win. **Homo Zappiens: educando na era digital.** Porto Alegre: Artmed, 2009.